

DESTAQUE

COVID-19

Precisa-se de quem saiba falar de covid-19. Entrada imediata

Podia ser um anúncio de emprego. O Governo e a DGS não souberam comunicar com os portugueses e isso teve impacto na pandemia. É preciso mudar, defendem especialistas

Clara Barata

O Governo português preparou bem o país para a segunda vaga da covid-19? Não, falhou em vários pontos fundamentais, convergem vários especialistas com os quais o PÚBLICO falou. Uma das falhas foi a comunicação com os cidadãos, essencial para mudar comportamentos que barrem o caminho a infecções, como o uso da máscara. Quanto à conferência de imprensa trissemanal (começou por ser diária) da Direcção-Geral da Saúde e membros do Governo (primeiro lado a lado, agora já separados), acabe-se com ela.

“A meu ver, só se alterarmos o comportamento das pessoas é que conseguiremos evitar um novo confinamento. Temos de voltar a conseguir dialogar com as pessoas, a consciencializá-las. Não é responsabilizá-las, é consciencializá-las”, frisa Tiago Correia, professor associado de Saúde Internacional e investigador sénior no Global Health and Tropical Medicine, unidades do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa.

E isso não acontecerá mantendo os protagonistas que os portugueses se habituaram a ver na televisão a debitar números da pandemia – a directora-geral de Saúde, Graça Freiras, a ministra da Saúde, Marta Temido, ou os secretários de Estado da Saúde. “A directora-geral da saúde ficou associada à política e, como perita, perdeu a confiança dos cidadãos, por ter ficado associada aos políticos, nos

quais os cidadãos e cidadãs não confiam”, diz por sua vez José Manuel Mendes, coordenador do Observatório do Risco – OSIRIS, com sede no Centro de Estudos Sociais, na Universidade de Coimbra.

“Esta ainda é uma hipótese, tenho de a testar, temos de fazer inquéritos”, admite Mendes. Mas o que tem visto, sublinha o sociólogo, “não é comunicação de risco, é basicamente transmissão de informação para a comunicação social, e controlo da narrativa”. Por isso, não tem dúvida: “Aqueles conferências não são comunicação de risco, deixaram de o ser há muito tempo e deviam acabar, são uma legitimação da narrativa política...”

O pneumologista Jaime Pina viu inúmeros sinais de uma comunicação disfuncional. “A estratégia comunicacional esteve muito mal, muito baseada nos números. Aqueles *briefings* da DGS que já ninguém vê. Não podemos esquecer que mais de dois milhões de portugueses têm mais de 65 anos. Não podemos esquecer que

as organizações internacionais dizem que Portugal é dos países com maior iliteracia em saúde. Nós somos dos países da União Europeia com menor acesso aos *media*”, sublinha.

“Fez-se uma comunicação baseada em números para quê? Para chegar aos órgãos de comunicação social. Ora, isto não chegou a ninguém e por isso é que há uma população que na sua maioria não tem mensagens interiorizadas”, completa Jaime Pina, membro da direcção da Fundação do Pulmão.

Os cidadãos estão cansados daqueles rostos, já não acreditam naquelas imagens, naquelas vozes, naquele discurso, frisa Tiago Correia. “Não é um julgamento sobre a sua competência, é uma constatação.” É que sem haver medicamentos, ou vacinas, interroga Jaime Pina, o que resta? “As velhas medidas de combate às infecções, que são eficazes. Não é por acaso que a China não tem casos. Não sendo uma democracia, com tudo o que de mal que isso acarreta, não esteve oito meses à espera de tornar a máscara obrigatória”, como nós.

Mas, para que a comunicação de risco seja eficaz, é preciso segmentar os públicos-alvo e encontrar interlocutores capazes de fazer chegar as mensagens a esse público. “Vozes que criem menos ruído, que cheguem mesmo às pessoas, porque claramente com estes as pessoas já desligaram”, frisa Tiago Correia.

“Vão buscar os *youtubbers* e os *influencers*, se for preciso, e os artistas, as pessoas que têm capacidade de passar as mensagens necessárias para os jovens”, sugere José Manuel

“Fez-se uma comunicação baseada em números para quê?”

Jaime Pina
Pneumologista



Mendes. “Quem tem mais seguidores no TikTok?”

Mais confiança

Isto não quer dizer, no entanto, que devamos continuar a ter um espaço público povoado por tantas cabeças falantes, que às tantas é impossível saber quem são, ou quem está correcto – na verdade, isso é o que está a acontecer, diz José Manuel Mendes: “O campo está muito cacofónico, há muitas vozes a falar, o representante dos Médicos de Saúde Pública, a Ordem dos Enfermeiros, a Ordem dos Médicos, e as conferências diárias”, enumera. Isto para não falar nos comentadores políticos puros e duros, como Paulo Portas ou Marques Mendes, cujas aparições nos *media* “podem parecer informativas, mas não são”, frisa o especialista em avaliação de risco.

“Em Portugal, as instituições em que as pessoas tinham mais confiança eram os bombeiros e o INEM, e depois os peritos, os cientistas, os professores. A comunicação de risco no caso da covid-19 baseou-se no modelo convencional antigo, aquilo a que se chamava a compreensão pública da ciência, ou seja, parte-se do princípio de que o cidadão é ignorante, e que temos de lhe dar os dados para compreenderem o que

são os factos. Mas as pessoas são co-produtoras, vão analisar e avaliar, desde logo, a legitimidade de quem está a comunicar. E só se coopera se houver confiança”, explica José Manuel Mendes. Um exemplo? “As pessoas têm de ter confiança nas instituições para ter a StayAway Covid no telemóvel, e não a estão a usar porque não confiam na forma como foi instituída e não querem o estigma de estar inseridos numa base de dados de pessoas que tiveram a doença”, afirma o sociólogo.

“A nossa falta de preparação teve muito a ver com a falta de capacidade para fazer rastreios e a má comunicação. As pessoas só ouviram que morreram não sei quantas pessoas, e mais não sei quantas estavam internadas, e, quando muito, a informação vinha dividida por cinco regiões. Ora, isso não é nada para as pessoas, é completamente abstracto”, afirma o investigador.

“A etapa de reforço do Sistema Nacional de Saúde foi muito bem tratada”, assevera o pneumologista Jaime Pina. “Mas a estratégia comunicacional com a população falhou e essa é que permitiria efectivamente diminuir o número de casos. Não transmitiu às pessoas as regras que deviam ter interiorizado, e fez com que existissem mais casos na segun-



JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

Especialistas contactados pelo PÚBLICO criticam a forma como Governo e DGS comunicam com a população



Um exercício engraçado é pedir que se escreva num papel o número de pessoas com quem se está, sem máscara, em casa

Tiago Correia
Professor de Saúde Internacional

Governo “ficou deslumbrado” e preparou mal a segunda vaga

Clara Barata

Portugal perdeu capacidade de rastreio de casos de infecção e pareceu ter ficado desatento às recomendações técnicas

Se na Primavera confinámos, no Verão fomos mandados de “forma eufórica” para a praia, diz José Manuel Mendes, coordenador do Observatório do Risco – OSIRIS. Em Agosto, Tiago Correia começou a ficar preocupado com a atitude do Governo. “Não consigo explicar a mudança de posicionamento do Governo”, diz o professor associado de Saúde Internacional e investigador do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa. “Acho que houve claramente um certo deslumbramento, pensar que nos saímos muito bem na primeira vaga e que também nos sairíamos bem na segunda. Houve uma desconsideração política pela evidência técnica, uma falta de utilização do conhecimento técnico na elaboração das políticas, que não consigo explicar”, diz.

“No Verão, de preparação para o Outono e Inverno, só consigo lembrar-me de que procurámos antecipar as vacinas da gripe, tratar do processo logístico da sua compra e reforçar a capacidade de testes de despiste da covid-19”, diz o investigador – que faz questão de referir que tem “uma enorme consideração e respeito pelos decisores que há oito meses têm de lidar todos os dias com isto”.

A partir de Agosto, e sobretudo do início de Setembro, o Governo de António Costa pareceu ficar cheio de certezas. “Começámos a ver um Governo muito mais aut centrado, menos sensível aos sinais da população. Vimos os nossos decisores políticos em espectáculos, a repetir-se

da mensagem de que não voltaríamos a confinar, de que fomos bons alunos, de que tudo já tinha passado. Percebemos que as pessoas desconsideraram em absoluto a situação pandémica”, recorda.

Apesar dos alertas técnicos de que vinha aí uma segunda vaga e de vários especialistas alertarem que Portugal devia adoptar os mapas epidemiológicos por cores – os “semáforos”, que assinalam a gradação de risco no território, e já foram usados de várias formas na Europa –, o Governo persistiu numa atitude mais zen. “Houve um relaxe completo. Das pessoas, dos decisores políticos”, diz Tiago Correia.

“Em Portugal, entretanto, perdeu-se a capacidade de fazer – de identificar as cadeias de transmissão do vírus”, frisa Tiago Correia. Essa dificuldade já tinha sido identificada nos surtos em Lisboa de Junho e Julho. Agora, está a tentar-se recuperar esta arma fundamental na contenção da pandemia, recrutando a ajuda do Exército. “Isto é muito importante, mas em Novembro? A imagem que tenho na cabeça é um comboio a alta velocidade que tem de ser travado – mas demora muito mais parar de repente do que quando o comboio estava com um andamento mais bai-

xo”, frisa o investigador.

A dinâmica estava imparável, e não só em Portugal, também em toda a Europa, nota o pneumologista Jaime Pina, que participou no grupo de especialistas que, em 2003, elaborou o plano de contingência para a SARS – a síndrome respiratória aguda grave, causada por um coronavírus bastante semelhante ao actual SARS-Cov-2, mais letal, mas menos infeccioso, que rapidamente deu a volta ao mundo, mas se extinguiu em sete meses.

“No fim, reuniram-se os peritos todos, para tirar conclusões, mas, ao fim de 17 anos, elas ficaram esquecidas. A primeira era que é importantíssima a coordenação da Organização Mundial de Saúde em todas as fases da pandemia. A segunda é que os sistemas de vigilância e a informação têm de estar ao serviço de toda a gente. E a terceira é que a cooperação era fundamental”, diz.

“Ora, na Europa, com a covid-19, cada um fez à sua maneira. A UE não falou a uma só voz. Houve coisas tão dispersas como confinamentos em Portugal ou não-confinamentos na Suécia, estratégias muitíssimo diferentes”, conclui.

clara.barata@publico.pt

da onda de infecções pelo novo coronavírus, que teria sempre que existir. Houve na Gripe Asiática, na Gripe de Hong Kong, há sempre duas ondas, é uma regra...”

Perceber a nossa bolha

Mas o pior, constata Tiago Correia, é que tudo isto pode não chegar para evitar um novo confinamento. “Lamentavelmente, acho que não. Em virtude de haver um descontrolo nas cadeias de transmissão, uma falta de capacidade de voltarmos a rastrear todos os casos.” É aqui que entra a urgência de melhorar a comunicação, para mudar rapidamente a forma como agimos. “Só os nossos comportamentos é que nos podem

salvar neste momento. É crítico que no próximo mês, até voltarmos a reduzir o número de casos, e voltarmos a ter capacidade de rastreio, as pessoas interiorizem a ideia da bolha: apelar às pessoas que restrinjam ao mínimo o número de pessoas com quem têm contactos de risco.”

Esse mínimo é o seu agregado familiar, os seus filhos, os seus pais. E como perceber quem está fora da sua bolha e pode ser um contacto de risco? “Um exercício engraçado é pedir às pessoas que escrevam num papel o número de pessoas com quem está, sem máscara, em sua casa. E verá que um amigo foi lá jantar, um amigo do filho, um avô que já não via há muito tempo, etc, etc. Quando começam a escrever num papel, vêem que tem muitos contactos que não podem ter, infelizmente...”

Mas a falta de clareza na comunicação e nos objectivos pretendidos persiste, nota José Manuel Mendes. “Agora, estamos em estado de emergência, para salvarmos o Natal. Mas eu gostava de saber, o que é se pretende salvar no Natal – as dinâmicas familiares ou a dinâmica comercial? A mensagem nunca foi clara, sobre o que pretendemos e como podemos chegar lá.”

clara.barata@publico.pt



A directora-geral da Saúde, como perita, perdeu a confiança dos cidadãos

José Manuel Mendes
Coord. Observatório do Risco



O investigador Tiago Correia é crítico da actuação do Governo